ENTRE O CORPO MATERNO E O CORPO DESEJANTE: TRANSFORMAÇÕES CORPORAIS E SUBJETIVIDADE NO PUERPÉRIO

Autores: Nathalya Cristiane de Melo Souza[1], Olga Lage Pedro Neta[2], Lauro Take Tomo

[1]Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, nathalyasouzaa@hotmail.com, olguinhapedro26@gmail.com, lauro.taketomo@gmail.com

Resumo
Este artigo examina como as transformações corporais do puerpério repercutem na experiência subjetiva da mulher, aproximando referências psicanalíticas de estudos sobre imagem corporal, amamentação e sexualidade. Realizou-se uma revisão bibliográfica qualitativa, exploratória e narrativa, com ênfase em publicações sobre o período pós-parto. Os estudos analisados mostram que as mudanças corporais podem envolver, ao mesmo tempo, estranhamento, insatisfação, valorização do corpo materno e alterações na vivência da sexualidade. Também são descritas relações entre imagem corporal pós-parto, fatores socioculturais, suporte social, amamentação, saúde mental e função sexual. A leitura psicanalítica acrescenta a essa discussão a dimensão do desejo, das identificações e do olhar do outro. Conclui-se que a experiência corporal no puerpério não deve ser reduzida à aparência física ou à expectativa de retorno ao corpo anterior; além disso, destaca-se a relevância dos aspectos subjetivos e pulsionais.

Palavras-chave: Puerpério. Imagem corporal. Corpo materno. Sexualidade. Psicanálise.

Área do Conhecimento: Psicologia.

Introdução

O puerpério envolve uma transformação corporal de grande intensidade e importância. Após a gestação e o parto, a mulher encontra um corpo que carrega marcas de um processo reprodutivo recente e que passa a ser significado, simultaneamente, como corpo materno, corpo social e corpo desejante. Embora as alterações corporais sejam esperadas do ponto de vista fisiológico, sua experiência subjetiva não é uniforme. O modo como a mulher percebe, interpreta e se relaciona com o próprio corpo depende de sua história, de suas relações e das representações sociais que incidem sobre a maternidade. (Salim; Araújo; Gualda, 2010)

A literatura recente confirma a relevância da imagem corporal no período perinatal. Siqueira *et al*. (2025), em revisão sistemática de 18 estudos, identificaram associações entre imagem corporal pós-parto e fatores como peso, depressão, modo de parto, função sexual, amamentação e suporte social. Primo *et al*. (2023), em estudo qualitativo com 43 puérperas que amamentavam, encontraram relatos de insatisfação com mudanças corporais, coexistindo com valorização da amamentação e desejo de mantê-la. Esses dados indicam que a experiência do corpo após o nascimento não pode ser reduzida à satisfação ou insatisfação estética.

Na psicanálise, corpo e organismo não são equivalentes. Para Freud (2010), a noção de pulsão introduz uma dimensão que não se reduz ao funcionamento biológico; para Lacan (1995), a imagem participa da constituição do Eu. Essas formulações permitem perguntar como as alterações do pós-parto são incorporadas à história singular da mulher, em vez de tratá-las apenas como mudanças fisiológicas.

O pós-parto pode ser compreendido como uma transição subjetiva na qual as mudanças corporais repercutem sobre identidade, autonomia e relação com o próprio corpo. O recorte deste artigo concentra-se nessa dimensão corporal, sem reduzir a experiência à insatisfação estética. O objetivo é analisar as repercussões psíquicas das transformações corporais no puerpério, articulando imagem corporal, sexualidade, identidade e desejo a partir de uma perspectiva psicanalítica.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica narrativa. O levantamento reuniu referências psicanalíticas e estudos científicos sobre imagem corporal, sexualidade, amamentação e experiência corporal no período perinatal, com atenção especial às publicações sobre o pós-parto. Foram priorizados estudos publicados em periódicos científicos e obras psicanalíticas utilizadas como referência conceitual, selecionados por sua pertinência ao problema investigado.

Entre as produções contemporâneas, foram analisadas a revisão sistemática de Siqueira et al. (2025), a revisão sistemática de Shen *et al*. (2024), o estudo qualitativo de Primo *et al*. (2023), a revisão sobre instrumentos de avaliação de imagem corporal na gestação de Salzer *et al*. (2023), além do estudo brasileiro de Salim, Araújo e Gualda (2010) sobre corpo e sexualidade em puérperas e do trabalho de Petribú e Mateos (2017) sobre imagem corporal e gravidez. A discussão teórica articulou os achados empíricos aos conceitos de corpo, identidade, desejo e transformação subjetiva.

A análise temática foi organizada em quatro eixos: (1) transformação da imagem corporal; (2) corpo materno e sexualidade; (3) influência sociocultural sobre a experiência corporal; e (4) implicações psíquicas e clínicas. Por se tratar de uma revisão bibliográfica, não foram coletados dados diretamente com participantes.

Resultados

A literatura revisada mostra que as mudanças corporais relacionadas à gestação e ao pós-parto constituem experiência subjetiva complexa. Salzer *et al.* (2023), ao revisarem instrumentos de avaliação da imagem corporal na gestação, identificaram diferentes dimensões investigadas na literatura, incluindo insatisfação corporal, atratividade, preocupações com peso e forma, aparência da gestação e satisfação corporal. A diversidade de instrumentos revela que “imagem corporal” não é um fenômeno unidimensional e que sua avaliação depende do contexto e do constructo investigado.

No período pós-parto, Siqueira et al. (2025) identificaram 18 estudos que utilizaram modelos teóricos e análises de associação para investigar a insatisfação corporal. A revisão apontou influência de fatores socioculturais e suporte social, além de associações com peso, depressão, função sexual, modo de parto e amamentação. Os achados reforçam uma compreensão multifatorial, na qual o modo como a mulher vivencia o corpo não pode ser explicado somente pelas mudanças físicas decorrentes da gravidez.

Primo *et al.* (2023) oferecem uma contribuição particularmente relevante ao investigar qualitativamente a percepção de 43 puérperas sobre a própria imagem corporal durante a amamentação. As participantes relataram insatisfação com determinadas transformações, ao mesmo tempo em que valorizavam a amamentação e desejavam mantê-la. A coexistência desses sentimentos indica que o corpo materno pode ser percebido simultaneamente como fonte de estranhamento e como instrumento de vínculo, cuidado e alimentação do bebê.

Essa ambiguidade aparece também na relação entre corpo e sexualidade. Salim, Araújo e Gualda (2010), ao estudarem seis puérperas, identificaram mudanças corporais, questões relacionadas à sexualidade e importância do suporte social como dimensões da experiência pós-parto. O estudo permite compreender que a transformação das mamas, do abdômen e de outras características corporais pode modificar a forma como a mulher se percebe e como imagina ser percebida pelo parceiro ou por outras pessoas significativas.

Na gestação, Petribú e Mateos (2017) destacam o caráter paradoxal das mudanças da imagem corporal: o corpo se transforma para possibilitar a geração de uma nova vida, mas essa transformação também pode mobilizar estranhamento e conflitos com a imagem anteriormente conhecida. Essa perspectiva ajuda a compreender que a experiência corporal não começa no parto; ela se inicia antes e encontra no puerpério uma nova etapa, marcada pela ausência do bebê dentro do corpo e pela presença de marcas que permanecem.

A literatura internacional recente também aponta possibilidades de intervenção. Shen *et al.* (2024), em revisão sistemática de 11 ensaios clínicos envolvendo 1.290 participantes, observaram efeitos positivos de intervenções destinadas a melhorar a imagem corporal em mulheres grávidas e no pós-parto, com resultados particularmente favoráveis para intervenções psicológicas. Esse achado sustenta a relevância de práticas de cuidado que considerem a dimensão subjetiva do corpo.

Em uma leitura psicanalítica, as mudanças corporais podem adquirir valor de perda quando colocam em questão referências anteriores de identidade e de reconhecimento de si. Isso não significa que toda

alteração corporal produza sofrimento ou que exista uma forma única de elaboração. O sentido atribuído ao corpo depende da história da mulher e das relações nas quais a maternidade é vivida.

Nesse percurso, o corpo pode ser compreendido como uma das dimensões das perdas simbólicas associadas ao puerpério, junto à autonomia, à identidade anterior e à liberdade de tempo. Essa perda não significa que o corpo anterior desapareça de maneira absoluta, mas que a relação subjetiva com ele precisa ser reelaborada. O corpo que antes era experimentado predominantemente como feminino, profissional, sexual ou privado passa a carregar também significações relacionadas à maternidade, ao cuidado e à amamentação.

Discussão

A principal contribuição da análise consiste em deslocar a discussão do corpo pós-parto de uma lógica exclusivamente estética para uma compreensão subjetiva. A insatisfação corporal é relevante e merece atenção, mas ela não esgota a experiência da mulher. O corpo puerperal pode ser, simultaneamente, estranho, valorizado, cansado, desejante, funcional e objeto de avaliação social. A coexistência dessas dimensões aproxima a experiência corporal da ambivalência que pode marcar outras dimensões da experiência puerperal.

Freud (2010) ajuda a sustentar uma concepção de corpo que não se reduz à anatomia. A sexualidade e a dimensão pulsional fazem com que uma mesma transformação corporal possa assumir sentidos diferentes para sujeitos diferentes. No atendimento clínico, portanto, não é adequado atribuir antecipadamente um significado à mudança corporal; é necessário escutar o sentido que ela assume para cada mulher.

Lacan (1995) permite acrescentar à discussão a dimensão imaginária da constituição do Eu. A imagem participa do reconhecimento de si, mas não esgota a experiência subjetiva. No pós-parto, essa relação pode ser tensionada quando as mudanças visíveis entram em desacordo com a imagem corporal anterior ou com o corpo que a mulher considera que deveria recuperar. Nesse contexto, a exigência de retorno rápido à aparência anterior pode converter uma transformação do ciclo reprodutivo em motivo de desvalorização de si.

Siqueira *et al.* (2025) mostram que a insatisfação corporal no pós-parto se relaciona a diferentes dimensões, entre elas fatores socioculturais, psicológicos e relacionais. O suporte social aparece entre os fatores associados. Esse achado permite aproximar a discussão empírica de Winnicott (1983), para quem o ambiente exerce papel importante em momentos de dependência e vulnerabilidade. A experiência corporal, nesse sentido, também é atravessada pelas condições concretas em que a maternidade se desenvolve.

A relação entre corpo materno e corpo desejante merece atenção especial. Primo *et al.* (2023) demonstram que as mudanças nas mamas podem adquirir sentidos simultaneamente maternos e sexuais. O seio que alimenta o bebê também pode ter sido historicamente investido como parte da sexualidade da mulher. A passagem de uma significação para outra não ocorre automaticamente e pode produzir conflitos. Assim, recuperar a possibilidade de falar sobre desejo e sexualidade no puerpério é também reconhecer a mulher para além da função materna.

A discussão também precisa considerar o contexto cultural. Badinter (1985) questiona a naturalização do amor materno e evidencia o caráter histórico das expectativas dirigidas às mães. Iaconelli (2019), por sua vez, discute os impasses contemporâneos da função materna e a influência das representações sociais sobre o corpo, o lugar do sujeito e o laço social. No contexto atual, o ideal de maternidade frequentemente exige uma mãe disponível, feliz, produtiva e capaz de recuperar rapidamente o corpo anterior. Essa exigência pode produzir um duplo imperativo: cuidar do bebê integralmente e, ao mesmo tempo, demonstrar controle sobre o próprio corpo. Quando a mulher não consegue corresponder a esse padrão, dificuldades que possuem dimensões sociais e relacionais podem ser vividas como falhas individuais.

A expressão “renascimento psíquico” pode ser utilizada aqui apenas como metáfora para a construção de uma relação diferente com o corpo e consigo mesma. A questão não é substituir o corpo anterior por outro ideal, mas elaborar as marcas da experiência e integrá-las à própria história. Essa elaboração pode assumir formas distintas e não precisa seguir uma sequência predeterminada.

Do ponto de vista clínico, isso implica evitar intervenções que tenham como único objetivo a adaptação da mulher a padrões estéticos. A intervenção psicológica pode favorecer a elaboração dos significados atribuídos às mudanças corporais, acolher conflitos relacionados à sexualidade, trabalhar a relação com o olhar do outro e identificar situações em que a insatisfação corporal se articula a

sofrimento psíquico mais intenso. A evidência de Shen *et al.* (2024) sobre o benefício de intervenções psicológicas reforça a pertinência desse cuidado, embora não autorize reduzir a abordagem a uma única modalidade terapêutica.

Por fim, compreender o corpo no puerpério exige sustentar uma tensão: o corpo é material e, ao mesmo tempo, subjetivo; é transformado biologicamente e significado psiquicamente; é vivido pela mulher e também observado pelos outros. A escuta perinatal pode funcionar como espaço de simbolização dessa tensão, permitindo que a mulher encontre uma forma possível de habitar o corpo materno sem perder a dimensão de corpo desejante.

Conclusão

As transformações corporais do puerpério repercutem na experiência subjetiva da mulher de maneira complexa, envolvendo imagem corporal, identidade, sexualidade, maternidade e relações sociais. A literatura analisada demonstra que a insatisfação corporal não constitui experiência isolada nem exclusivamente estética, estando relacionada a fatores psicológicos, socioculturais, relacionais e às próprias condições de maternagem. A perspectiva psicanalítica contribui ao compreender o corpo como corpo pulsional, erógeno e atravessado por identificações e pelo olhar do outro. Nesse sentido, o corpo materno não precisa substituir o corpo desejante: a tarefa subjetiva consiste em construir uma relação possível entre essas dimensões. As transformações corporais podem, assim, ser compreendidas como parte das perdas e reorganizações simbólicas do puerpério, sem que isso implique apagamento da identidade anterior. Para a prática clínica, torna-se fundamental oferecer espaço para a elaboração das marcas corporais, dos conflitos com a própria imagem e das mudanças na sexualidade, evitando tanto a patologização automática quanto a imposição de padrões de recuperação corporal. O cuidado psicológico pode contribuir para que a mulher reconheça seu corpo transformado como parte de uma história contínua, na qual maternidade e desejo possam coexistir.

Referências

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo (1914). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12, p. 13-50.

IACONELLI, Vera. *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna*. São Paulo: Zagodoni, 2019.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-1957)*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

PETRIBÚ, Bárbara Gabriel Capecce; MATEOS, Martin Antonio Borges Alvarez. Imagem corporal e gravidez. *Junguiana*, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 33-39, 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-08252017000100004&script=sci_arttext. Acesso em: 3 set. 2026.

PRIMO, Cândida Caniçali et al. Imagem corporal da mulher durante amamentação: análise suportada em teoria de enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 44, e20220051, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2023.20220051.pt.

SALIM, Natália Rejane; ARAÚJO, Natalúcia Matos; GUALDA, Dulce Maria Rosa. Body and sexuality: puerperas' experiences. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 18, n. 4, p. 732-739, 2010. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-11692010000400011.

SALZER, Eduardo Borba et al. Body image assessment tools in pregnant women: a systematic review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 20, n. 3, 2258, 2023. DOI: https://doi.org/10.3390/ijerph20032258.

SHEN, Mei-di et al. The effectiveness of interventions on improving body image for pregnant and postpartum women: a systematic review of randomized clinical trials. *BMC Pregnancy and Childbirth*, v. 24, 581, 2024. DOI: https://doi.org/10.1186/s12884-024-06787-3.

SIQUEIRA, Marcela Rodrigues de et al. Postpartum women's body dissatisfaction: a systematic review of theoretical models and regression analyses. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 22, n. 9, 1463, 2025. DOI: https://doi.org/10.3390/ijerph22091463.

WINNICOTT, Donald Woods. A preocupação materna primária (1956). In: WINNICOTT, Donald Woods. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.